

PENSAR A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: PARA UMA FORMAÇÃO CULTURAL DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Dr. TARCÍSIO MAURO VAGO

Professor da Escola de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em
Educação UFMG

Membro do Centro de Memória da Educação Física da UFMG
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE) da
Faculdade de Educação da UFMG

Resumo | O texto aborda cinco maneiras de pensar a Educação Física na escola, abertas e em permanente (re)elaboração, como condição para fazer a Educação Física na escola. Assim, (1) pensar o lugar da Educação Física: a escola e seus vínculos com as culturas; (2) pensar os humanos que produzem a escola e a Educação Física: seres de cultura; (3) pensar professores e estudantes como sujeitos praticantes de uma experiência cultural; (4) pensar o humano direito ao corpo e os desafios postos à Educação Física; (5) e então pensar a Educação Física na educação básica como projeto de formação cultural da infância e da juventude.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO

Apresento para reflexão cinco maneiras de pensar a Educação Física na escola: pensar o lugar da Educação Física, a escola; pensar os humanos que produzem a escola e a Educação Física; pensar professores e estudantes como sujeitos praticantes de uma experiência cultural; pensar o humano direito ao corpo e os desafios postos à Educação Física; e então pensar a Educação Física na educação básica como projeto de formação cultural da infância e da juventude.

Registro um princípio primordial e estruturador desta reflexão: o pertencimento da Educação Física ao domínio da educação. Tal pertencimento lhe confere uma identidade fundamental como prática da escola, organizada por professores da escola para a intervenção na formação de crianças, de adolescentes, de jovens e de adultos em sua história escolar. É a partir dessa condição que entendo ser possível estabelecer relações da Educação Física com outros domínios, como o da saúde, do esporte e do lazer, por exemplo.

1. PENSAR O LUGAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA: A ESCOLA E SEUS VÍNCULOS COM AS CULTURAS

O lugar é a escola. Um lugar com uma identidade, uma responsabilidade social, uma expectativa social.

Escola não é clube. Escola não é academia de ginástica. Escola não é centro de treinamento esportivo. A escola não é a rua, ou a praça do bairro. Escola não é tempo nem “equipamento” de lazer. Embora possa estabelecer relações com todos esses lugares, a escola é um tempo e um lugar singular, que não pode ser nem confundido com (nem substituído por) nenhum desses. Fundamental pensar então o que é este lugar, a escola.

Compartilho o entendimento da escola como um lugar *de* culturas, um lugar *das* culturas, e um lugar *entre as* culturas. Exploreemos essas três dimensões, indissociáveis, para com elas pensar desdobramentos para o ensino de Educação Física.

A escola é um lugar *de* culturas porque seus protagonistas – os adultos, os jovens, os adolescentes e as crianças – são produtores de culturas: cultura infantil, cultura juvenil, cultura adulta. São também produzidos nas culturas em que estão envolvidos: sua condição de classe, seu pertencimento étnico, seu gênero, a escolha de sua sexualidade, são marcas de suas histórias, significantes para suas vidas. Na escola, tais protagonistas também encontram (e inventam) maneiras de produzir seus modos de ser e de estar, de partilhar sentimentos, experiências. Os tempos e os espaços da escola constituem campos de possibilidade para exercerem sua condição de seres de cultura, ao se relacionarem entre si, ao apreender, problematizar e usufruir os diversos saberes tratados na escola, compartilhando um patrimônio que a todos pertence.

Pensar a escola como um lugar *de* culturas no sentido de que nela também há produção de conhecimentos. Jean-Claude Forquin (1993) pondera que a escola é um “mundo social”, que tem suas características de vidas próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e gestão de símbolos. Ele considera a escola lugar de uma cultura *sui generis*, com potencial de “influenciar o conjunto de práticas culturais e os modos de pensamento que têm curso num dado país num momento dado”.

Então, cabe indagar aqui: que repercussões tal entendimento pode ter na Educação Física?

A escola é um lugar de circulação *das* culturas porque tem como responsabilidade realizar o humano direito a um patrimônio por todos produzido: conhecer, fruir e usufruir as culturas diversas produzidas pelos humanos. Novamente, Jean-Claude Forquin (1993) ajuda a sintetizar tal responsabilidade, ao escrever que o que justifica a existência da escola é a sua “responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada cultura”, acrescentando que a “cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última”.

Ora, isso se relaciona com os saberes presentes nos programas escolares, como é o caso da Educação Física. Trabalhar com as diferentes

culturas dispostas nas práticas sociais pode ser algo bem diverso de “entregar um pacote fechado e impermeável” aos estudantes. Se o currículo é um lugar de disputas, existe sempre a potência para que ele acolha e trate cuidadosamente das diversas culturas em circulação. É então que a escola pode organizar *um modo seu* para que os estudantes acessem os conhecimentos produzidos nas relações sociais. A escola tem aí condições para ser uma mediadora para os estudantes realizarem uma fruição crítica desses conhecimentos, incorporando suas contribuições para o embelezamento da experiência humana, contestando e recusando as mazelas que a empobrecem. Campos abertos para a ação de professores e de estudantes.

A escola é um lugar situado entre *as* culturas porque estabelece relações com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas – nas ruas, nas praças, nos pertencimentos religiosos, na política, nas tantas manifestações artísticas, por exemplo. Nem poderia ser de outro modo, se compreendemos a escola como uma instituição envolvida nas práticas sociais. É preciso no entanto problematizar estas relações. Elas podem ser de adesão e/ou de recusa, mas nunca de indiferença. André Petitat (1994) ajuda a entender que a escola produz a sociedade na mesma medida e intensidade com que é por ela produzida. As relações entre as práticas escolares e as outras práticas sociais assume um caráter que não é nem o de reprodução pura e simples nem tampouco o de oposição: trata-se de uma relação de *tensão permanente* entre elas¹.

Em suma, escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, de usufruir, enfim, de praticar cultura. Uma instituição peculiar, com suas maneiras próprias de organizar-se e de relacionar-se com outras culturas produzidas e compartilhadas pelos humanos. As experiências culturais que nos constituem como humanos também têm lugar na escola, no protagonismo de seus professores e estudantes. A escola é lugar para o direito de todos às culturas.

1. Sobre essa “tensão permanente” entre a escola e outras culturas, já tive a oportunidade de escrever em outro texto (VAGO, 1996).

É preciso também realçar a dimensão política da escola – especialmente da escola pública, que acolhe nove de cada dez estudantes do Brasil. A educação pública de qualidade é condição indispensável para a construção e a realização de um país democrático e socialmente justo. Partilho do entendimento de que não há possibilidade de pensar alternativas para os graves problemas sociais sem a participação da escola pública. Fazer a crítica das condições a que ela foi abandonada é fundamental, não para desqualificá-la senão para insistir na defesa vigorosa de sua necessidade para a cidadania e a participação na vida pública. Abrir mão da escola pública de qualidade para todos só faz perpetuar as desigualdades imensas que existem no país. Mas não podemos depositar na educação escolar esperanças que ela não pode realizar. É preciso, assim, não cair na armadilha da mistificação da educação, como se a escola pudesse tudo, o que leva a encobrir as causas dos problemas sociais enfrentados no Brasil.

2. PENSAR OS HUMANOS QUE PRODUZEM A ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA: SERES DE CULTURA

A reflexão anterior exige outra, sobre um entendimento de *cultura*.

“Cultura é o recurso essencial para o viver humano. Cultura é o prosaico que nos orienta o vestir, o comer, o trajeto de amor, os ritos de nascimento, de fertilidade e de morte. Cultura é o sonho cotidiano. Sua ausência nos destrói”².

É em presença de uma dada cultura que os humanos *se* realizam, e realizam suas experiências. A cultura, então, como pondera Marilena Chauí (1994), “é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística”. Os humanos produzem e praticam cultura e, ao fazê-lo, inventam a si mesmos. É ainda importante realçar a noção de “cidadania cultural, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, à

2. Leopold Nosek, psicanalista, no artigo “Dor, Forma, Beleza”, para o jornal *Folha de São Paulo*, Seção Tendências e Debates, 30/08/2005, p. A3.

sobremesa, ao entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária que é a ideologia, mas se realiza como direito de todos os cidadãos, a partir do qual eles se diferenciam, entram em conflito, trocam as suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras alternativas, movem todo o processo cultural”³.

É então que pensar o humano como ser de cultura se torna essencial quando o que está em questão é a experiência que se pode organizar e viver na escola, envolvendo crianças, adolescentes, jovens, adultos. Experiência que se traduz em uma formação cultural que recobre um tempo fundamental da vida – 14 anos, apenas considerando a educação básica, onde a Educação Física está. É incontornável refletir sobre os limites e as possibilidades que a escola (e nela a Educação Física) tem de potencializar esse “recurso essencial para o viver humano” que é a cultura.

3. RECONHECER PROFESSORES E ESTUDANTES COMO “SUJEITOS PRATICANTES”

Enlaçar as reflexões anteriores, perguntando: e os protagonistas da escola e da Educação Física, quem são?

Michel De Certeau (1994) considera os humanos como “sujeitos praticantes”. Donde reconhecer que professores(as) e estudantes, como “sujeitos praticantes”, ocupam lugar de centralidade na produção da escola, recusando a noção empobrecedora de que não passariam de meros executores de planos formulados e impostos de fora (pelo Ministério ou pelas Secretarias de Educação, ou mesmo pelas universidades).

Sobre *ser professor*, há uma significativa diferença entre compreendê-lo como “sujeito *transmissor de um saber*” e entendê-lo como “sujeito *produtor e portador de um saber*”. Saber que se constrói e se (re)inventa

3. Cf. Chauí, 1994. Na mesma obra, ela também apresenta outras maneiras de compreender a cultura: “Não falamos em Cultura, no singular, mas em *culturas*, no plural, pois a lei, os valores, as crenças, as práticas e instituições variam de formação social para formação social. Uma mesma sociedade, por ser temporal e histórica, passa por transformações culturais amplas”. “O mundo resultante da ação humana é um mundo que não mais podemos chamar de natural, pois se encontra cada vez mais humanizado, ou seja, transformado pelo homem”.

permanentemente ao longo de sua história como pessoa, e de seu envolvimento com a prática escolar. Por isso, um saber elaborado na experiência diária de tornar-se o que se é: uma história de vida que entrelaça fontes diversas – sua formação escolar (quem agora é professor, antes foi aluno); sua formação profissional (a inicial e a formação contínua); seu contato com programas de ensino e com livros postos em circulação na área, que toma como referência para seu trabalho (que são interpretados, com adesão ou recusa de suas proposições); enfim, sua própria experiência no ofício de ensinar. Tudo isso faz de alguém um professor. Professor que se forma, e também se deforma, diante das condições em que realiza seu ofício.

*Ver, ler e ouvir*⁴ o professor como um potente *mediador da cultura*: ao contribuir para a formação cultural de uma criança, de um adolescente, de um jovem, de um adulto, está ao mesmo tempo realizando uma intervenção sobre as práticas culturais que circulam na “sociedade” – porque cada ser humano é expressão delas.

Sobre *ser aluno*: a etimologia da palavra – *a lumini: o que não tem luz* – é já uma ideia a ser combatida. Tornar-se aluno não é (ou não deveria ser) uma experiência de apagamento de sua identidade cultural como criança, adolescente, jovem ou adulto. Ser *aluno* não precisa significar desqualificação de sua condição como *ser de cultura*.

Aqui também se deve ter o cuidado de *ler, ver e ouvir* o “outro” da relação pedagógica. Compreendê-los em seus diferentes tempos da vida, nos quais produzem suas culturas (infantil, juvenil, adulta). Respeitar e qualificar os momentos particulares de suas histórias de vida, que são únicos, maneiras singulares de ser, com suas formas próprias de expressão, de sensibilidade, de socialidade, de interpretação, de linguagem, que se revelam e se manifestam em seu corpo... humano. Experiências de ser criança, de ser adolescente, de ser jovem, de ser adulto.

Então, dialogar com essas culturas, tomá-las como referências importantes para a prática pedagógica, fazer sua crítica: desafios da condição de ser professor.

4. Estou aqui me inspirando em Eliane Marta Teixeira Lopes (2002).

Sujeitos professores, sujeitos estudantes: seres humanos de sonhos, de afetos, de encantos, de ação, mas também de carências, privações, exclusões. Seres da vida, que assim devem ser cuidados.

Um desdobramento essencial para a Educação Física: pensar o corpo desses seres humanos.

4. PENSAR O HUMANO DIREITO AO CORPO

Humanos têm corpos. Humanos são seus corpos. Humanos experimentam seus corpos. Humanos usufruem de seus corpos para inventar a vida. Humanos mobilizam seus corpos em suas práticas sociais. Quer isso dizer: o corpo é lugar da vida, de sua expressão, de suas alegrias, também de suas dores. Lugar de liberdade. Lugar de censura. Encontro do social e do singular. O corpo é forjado em presença de uma cultura.

Um campo de batalhas: o corpo é disputado pelos sujeitos, pelo mercado, pela mídia, pela religião, também pela escola. Impossível ignorá-lo, fingir que não estamos, cada um de nós, habitando e praticando um corpo, no turbilhão diário da vida.

Para os humanos, o corpo é uma realidade.

Os humanos têm direito ao corpo... humano.

Humano direito ao corpo: respeito ao gênero, à etnia, à experiência de classe social, à idade, às formas, aos muitos jeitos e trejeitos – a cada um o direito de identidade com seu corpo.

Pode a escola – e, nela, a Educação Física – ser tempo e lugar de pensar e realizar este tão humano direito?

Então, um exercício: pensar o corpo na escola. O que está posto como desafio para a Educação Física?

Pensar a escola, pensar os protagonistas da educação: crianças, adolescentes, jovens, adultos. Então, pensar os corpos humanos na escola. Nossos corpos, de professores e de estudantes, expressão de histórias tantas...

“Pensar o corpo é uma outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social”, propõe David Le Breton (2003). Isso é inspirador: pensar

os corpos das crianças, dos adolescentes, dos jovens, dos adultos é uma maneira de pensar a escola que se projeta para (e com) eles. E pensar a Educação Física que podemos propor a eles.

Indagar, então: como, na sua prática, as escolas vêm tratando o corpo e a corporeidade de seus estudantes? O que podem as escolas oferecer à infância, à juventude quando o assunto é o corpo? Que projetos podem organizar? Que trabalhos podem desenvolver?

A maneira como um professor de Educação Física compreende o corpo humano diz muito de seu projeto pedagógico. É que há impacto direto em seu modo de orientar e de organizar o ensino que oferece a seus estudantes.

“O corpo é nossa caixa de lembranças”, disse Walter Benjamin, com muita beleza. “Cada sociedade tem seu corpo assim como ela tem a sua língua”, escreveu Michel de Certeau (apud SANT’ANNA, 1995). Lembranças. Linguagem. Pensar nessas duas maneiras de dizer o corpo humano coloca uma interrogação para professores de Educação Física: ao olhar o corpo *humano*, é somente um dado biológico o que vê? É possível apagar do corpo as marcas de uma cultura? É possível compreender o corpo sem levar em consideração as práticas culturais de crianças, adolescentes, jovens, adultos?

Compreender a realidade biológica do corpo é imprescindível, no limite e na potência que expressa. No entanto, considerar o corpo reduzido à sua biologia empobrece o olhar que lançamos às crianças, aos adolescentes, aos jovens que participam das aulas de Educação Física. Por ser corpo *humano*, é também uma realidade cultural. O humano inventa-se ao inventar cultura(s): seu corpo é condição primeira para essa invenção.

Os corpos *humanos* guardam e expressam histórias de cada um, histórias partilhadas, histórias de humanidade, histórias da humanidade. O corpo não é, assim, algo que possuímos “naturalmente”. Nem é somente uma construção pessoal, mas também sociocultural: ele é suporte e expressão máxima de uma dada cultura (e são infinitas as expressões culturais de povos distintos marcadas nos corpos). Como

escreve Jocimar Daolio (1995), “o homem aprende a cultura por meio de seu corpo” (p. 41).

Então, o que pensar o corpo inspira? Que esperar da escola – e da Educação Física – em seu trato com os corpos humanos?

Acolhimento e respeito a todos os corpos. Pensar e cultivar a Educação Física como tempo de expansão do humano direito ao corpo. O direito de cada um usufruir seu corpo, sem padrões estéticos, sem tiranias de perfeição, sem ditaduras de índices corporais...

Que sejam todos os corpos lugar de nossas melhores poesias...

5. PENSAR A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PARA UM PROJETO DE FORMAÇÃO CULTURAL DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Afirmar a identidade da Educação Física com a educação que se realiza na escola é um primado orientador para um projeto cultural. Os protagonistas envolvidos, o lugar, os tempos, os sentidos atribuídos às práticas corporais, as experiências partilhadas, as “redes de sociabilidade” construídas... tudo constitui e conforma essa identidade essencial com a escola.

Como prática da escola, a Educação Física assume o caráter específico desse lugar, encarnando-o. De outro modo, ela é um produto da escola: a ela pertence, por ela define-se, nela constitui-se e realiza-se. Ora, se o que justifica a existência da escola é a “responsabilidade de perpetuar a experiência humana considerada cultura”, então da Educação Física se espera que faça *circular, reinventar, estimular, transmitir, produzir e praticar... cultura*.

Mas, se cultura não existe no singular, tantas são as marcas da humana presença no mundo, que práticas culturais produzidas pelos humanos constituem interesse para a Educação Física explorar na escola? Que práticas culturais lhe dão identidade? Que experiência humana ela poderá contribuir para perpetuar, recriar, produzir?

Uma das fontes em que podemos apoiar-nos é a própria história escolar da Educação Física. Desde que foi inserida nos programas

escolares, algumas práticas se tornaram “clássicas” em seu ensino: as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças. A essas, outras vêm juntar-se, como as brincadeiras e os brinquedos populares, e também a capoeira. Deve abrir-se também para uma aproximação com outras manifestações humanas, ainda não consideradas na Educação Física, e à produção de tantas mais.

A escola deve investir seu tempo para que elas façam parte da formação cultural de seus alunos? Podemos encontrar bons motivos para responder que sim.

É que essas práticas corporais revelam os humanos tanto quanto qualquer outra obra sua: nós lhes atribuímos significados diversos, e também criamos diversas maneiras de praticá-las. Justamente por isso elas guardam e expressam todos os sentimentos humanos, sendo marcadas e atravessadas por valores éticos e estéticos que expressam modos de se apropriar dos tempos e dos espaços do viver, modos de sentir, enfim. Como criações do pensamento e da ação humanas, são um patrimônio cultural imaterial da humanidade, constitutivas também de sua história.

Então, a presença dessas práticas na história cultural dos humanos confere-lhes dignidade para entrar e estar na escola e serem tratadas pela Educação Física (e não apenas por ela, aliás).

Essas práticas, criações humanas, constituem o conhecimento próprio ao ensino da Educação Física. A intervenção pedagógica do professor de Educação Física comporta assim um desafio: organizar o ensino para que seus estudantes realizem o direito de conhecer, de provar, de criar, de recriar e de reinventar, de fazer de muitas maneiras, de brincar com essas práticas, garantindo-lhes a expansão de suas experiências com esse rico patrimônio cultural. Em outras palavras: a Educação Física tem potência para ser um tempo de fruir, de usufruir, de viver e de produzir essa cultura, um lugar de enriquecer a experiência humana, posto que essas práticas são possibilidades afetivas, lúdicas e estéticas de apreender e entender o mundo – e de agir nele.

Isso exige dos professores de Educação Física que estejam atentos para, ao pesquisar e ensinar práticas como essas, problematizar os valores

nelas impregnadas, as questões éticas envolvidas em sua prática. Elas são expressão da nossa humana condição: revelam muito do que pensamos, do que somos, do que queremos, de como agimos. E estão abertas à nossa exploração inventiva, ao envolverem os seres humanos em um contexto de trocas diversas, partilhando experiências no e com o corpo.

Importa refinar a compreensão sobre as práticas, que são referência permanente para o ensino de Educação Física na escola, constituindo por isso rica possibilidade de formação cultural, e exatamente aí reside a importância da intervenção pedagógica do professor, considerando duas importantes estratégias, que se complementam. A primeira, organizando o ensino de modo que seus alunos possam ter realizado o direito de acesso àquelas práticas, usufruindo um patrimônio cultural que a todos pertence. E a segunda, incentivando também que eles possam, ao participar delas, compreendê-las, fazer a crítica delas e, quando for o caso, imprimir-lhes outros significados, baseados especialmente na igualdade de oportunidades, no respeito, na troca solidária, na cooperação, na partilha de afetos. Atentar também para o fato de que sua realização pode envolver tensões e conflitos, exclusão, discriminação e preconceitos – que podem ser convertidos em momentos de aprendizagem.

Não seria essa uma experiência de reinvenção permanente desse patrimônio cultural? De reinvenção da própria experiência humana? Enfim, pensar a Educação Física como um tempo em que os próprios seres humanos (crianças, adolescentes, jovens, adultos) se reinventam...

É assim que compreendo um currículo de Educação Física traduzido como um *projeto de formação cultural da infância e da juventude*. Projeto que é também um investimento em uma educação da sensibilidade e da subjetividade humanas. E que merece todo cuidado:

Cuidado com as crianças, em sua condição de sujeito de um presente, e não de um futuro hipotético, em nome do qual muitas vezes lhes roubamos a infância...

Cuidado com adolescentes, em sua rica e perturbadora transição, marcada por sentimentos diversos, confusos, instáveis, que também os tornam seres humanos adoráveis...

Cuidado com jovens, vivendo suas escolhas, seus conflitos, suas experiências, muitos deles já no mundo do trabalho, outros tantos perdendo até a capacidade de sonhar com um futuro... E cuidado com o professor.

Meninos, meninas, adolescentes, jovens, professores(as): homens, mulheres. Sujeitos de todos os jeitos. De todas as formas, de todos os corpos, de todas as etnias. Aprendizes e mestres uns dos outros. Vivendo e compartilhando experiências culturais na Educação Física.

Em seus corpos, toda a humanidade que há. Com todos os “sentimentos do mundo”, como inspirou Drummond. E em cada um deles “todos os sonhos do mundo”, como disse Fernando Pessoa. Sujeitos de todas as maneiras que interessam à Educação Física. Que merecem o conhecimento da Educação Física. Que merecem ser respeitados na Educação Física.

Todo o nosso cuidado com eles e com elas ainda será pouco, mesmo.

É preciso não desconhecer os graves problemas sociais de nosso país que afetam duramente a formação humana de crianças, adolescentes e jovens, e a própria condição de ser professor. Compreendê-los é condição para enfrentá-los. A ação docente na escola é uma rica possibilidade para essa compreensão.

6. BREVE COMENTÁRIO A RESPEITO DO ESPORTE DA ESCOLA: DIREITO DE TODOS

A predominante (muitas vezes exclusiva) presença do esporte nos programas escolares de Educação Física produz um efeito perverso na formação cultural dos estudantes: um *analfabetismo* em outras práticas corporais da cultura, como os jogos populares (um riquíssimo patrimônio imaterial da cultura), as danças (cuja ausência dos programas é um contrassenso, em um país que tanta dança produz), a ginástica (como *arte de exercitar o corpo*, e não como técnica de dominá-lo e discipliná-lo), a capoeira (e sua presença na história do Brasil), entre outras práticas.

Ora, então, um desafio que se põe é superar essa *monocultura do esporte* na Educação Física. Realizar um ensino de Educação Física com

“vontade de abrangência”, aproveitando uma rica expressão do geógrafo Milton Santos⁵.

Um desafio que significa ampliar o diálogo da Educação Física com as práticas culturais que os sujeitos estão permanentemente produzindo: a cultura infantil, a cultura juvenil, a cultura adulta. E tanta coisa poderá ser então motivo para projetos de ensino em Educação Física. Há aqui todo um percurso interessante a ser trilhado, na investigação dos interesses, das necessidades, dos desejos, das ideias, do conhecimento e dos usos de estudantes em relação às práticas corporais dispostas na cultura.

Esse entendimento não deve ser confundido com uma posição de não tratar o esporte na Educação Física, o que seria também um contrasenso, pois não se pode negligenciar e subestimar sua marcante presença e circulação nas práticas sociais. Ademais, conhecer e praticar o esporte e problematizar sua presença na cultura constituem direitos dos estudantes, que devem ser respeitados na Educação Física.

Assim, penso que uma prática pedagógica de Educação Física que *não contemple o esporte* é empobrecedora. Mas, em sentido inverso, considero que um projeto de Educação Física que *só contemple o esporte* é igualmente empobrecedor da formação cultural que ela pode oferecer a crianças, jovens e adultos.

Agora, é fundamental também perguntar: qual esporte na escola?⁶

Um esporte que tenha a marca distintiva da escola: que seja um direito para todos, porque todos podem dele usufruir. Um esporte que não esteja submetido aos princípios do esporte *de rendimento*, que não pode ser tomado nem confundido como referência para a organização da Educação Física na escola. Sim, porque a referência da Educação Física na escola são os estudantes, suas histórias, suas culturas, seus interesses, seus direitos. Com isso, pensar então na construção de outras maneiras

5. “Vontade de abrangência” foi o título de um artigo de Milton Santos, no Caderno Mais, da *Folha de S. Paulo* de 20 de junho de 1999.

6. Essa pergunta tem merecido a reflexão de vários estudiosos que oferecem suas contribuições para pensar o esporte que tem lugar na escola, como Valter Bracht, Elenor Kunz, Francisco Caparróz, Sávio de Assis, entre outros.

de organizar e praticar o esporte na escola: é possível, acredito, organizar práticas de esporte que tenham como orientação pedagógica a própria escola e o seu público – que são crianças, adolescentes, jovens, adultos, e não atletas. E todos com potencial para experimentar o esporte como prática cultural, tanto quanto a dança, os jogos, os brinquedos... Então, em vez de se preocupar em encontrar “talentos esportivos”, é importante preocupar-se com aqueles que já encontramos todos os dias nas escolas, que lá estão exigindo nosso respeito à sua potência de aprender, de experimentar, de conhecer, de fazer de muitos jeitos.

Realizar então um ensino de esportes na Educação Física que não esteja aprisionado (nem asfixiado) a critérios como os de seleção, exclusão, performance, rendimento, vitória, entre outros. Critérios que não devem ter lugar na escola, se queremos respeitar o princípio de que tudo o que nela se pratica é um direito dos estudantes. E é estimulante saber que a produção e a vivência de práticas de esporte com essa referência já é realidade em muitos projetos de Educação Física espalhados pelo Brasil.

Ora, isso não se restringe ao esporte. As danças, a ginástica, os jogos, as lutas, os brinquedos, as brincadeiras, a capoeira, nenhuma delas está imune a critérios perversos de organização. Assim, o desafio é ousar inventar na escola outros modos de praticar todas elas, imprimindo um caráter lúdico e solidário a elas (especialmente quando tudo parece nos empurrar para a formalidade das práticas, a sisudez e a competição). Ou será que as possibilidades de invenção e reinvenção dessas práticas estariam esgotadas?

(IN)ACABAMENTO...

Aposto em um projeto de Educação Física como um dos tempos de realizar o humano direito a uma rica cultura de práticas corporais. Não como coisa dada. Mas como coisa conquistada e reconstruída. Tal como a vida.

Um projeto em que alunos e alunas possam praticar essa cultura, sem exclusão por nenhum motivo – porque não há motivo que seja su-

ficiente para justificar a exclusão das aulas de Educação Física; em que tenham respeitada a sua corporeidade, construída em sua história de vida; em que os sujeitos envolvidos (professores, crianças, adolescentes, jovens, adultos) possam colocar-se à disposição de si mesmos e de seus parceiros quando fruem, usufruem e recriam essas práticas na partilha da alegria. Reinventando-se a si mesmos. Reinventando a vida.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis, 2000.

ASSIS, Sávio. *A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRACHT, Valter. Educação Física: conhecimento e especificidade. In: SOUSA, Eustáquia S. & VAGO, Tarcísio M. (Orgs.) *Trilhas e partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

CAPARROZ, Francisco E. *Entre a Educação Física da escola e a Educação Física na escola: a Educação Física como componente curricular*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre: Ed. Pannonica, n. 2, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. São Paulo: Papirus, 1995.

_____. Educação Física e cultura. *Revista Corpoconsciência*, Faculdade de Educação Física de Santo André, n. 1, 1998.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do Esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 123-137.

LOPES, Eliane Marta S. T. Ensinar história da educação. In: LOPES, Ana Amélia M; GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano M. & XAVIER, Maria do Carmo (Orgs.). *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002.

PETITAT, André. *Produção da escola/produção da sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SANT'ANNA, Denise B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. *Revista Movimento*, Escola Superior de Educação Física da UFRGS, ano III, n. 5, dez.1996.

_____. Educação Física e cultura escolar. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (Orgs.). *A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

VICENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-48, jun. 2001.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. *Tiempos escolares, tiempos sociales*. La distribución del tiempo y del trabajo en la enseñanza primaria en España (1838-1936). Barcelona: Anil, 1998.

_____ & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura escolar como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Recebido: 28 abr. 2009

Aprovado: 28 maio 2009

Endereço para correspondência

Tarcísio Mauro Vago
Rua Estanislau Fernandes, 197 – Ouro Preto
Belo Horizonte - MG
CEP 31340-130
tmvago@gmail.com